
A HERANÇA DA CULTURA IBÉRICA NO FOLCLORE SERGIPANO

Magno Francisco de Jesus Santos¹

Ane Luíse Silva Mecnas Santos²

Resumo:

Ao adentrar na sala de aula o professor se depara com uma difícil missão: aproximar os conteúdos programáticos da disciplina com a realidade vivenciada pelos alunos. Saberes formais e cotidianos parecem caminhar por sentidos opostos, distanciando-se cada vez mais. Nesta perspectiva, esse artigo tem como propósito apresentar o folclore como instrumento de aproximação do aluno com sua realidade vivenciada, tornando-se um mediador entre o conhecimento formal e o informal.

Palavras-chave: folclore, educação, ensino de História.

Abstract:

When entering the classroom the teacher is faced with a difficult mission: to bring the syllabus content with the reality experienced by the students. Formal and everyday knowledge seem to go opposite directions by distancing themselves more and more. In this perspective, this article aims to present the folklore as a tool to approach the student with their experienced reality, becoming a mediator between formal and informal knowledge.

Keywords: folklore, education, history teaching.

Uma viagem pelo desconhecido. Assim poderíamos definir as primeiras navegações portuguesas pelo Atlântico no decorrer dos séculos XV e XVI. A busca por

¹ Doutorando em História na Universidade Federal Fluminense, com bolsa CAPES. Mestre em Educação, licenciado e bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professor da Faculdade Pio Décimo e das redes municipais de ensino de Itaporanga d'Ajuda e Laranjeiras. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em História, Educação e Sociedade (NEPHES).

² Doutorando em História na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com bolsa da Universidade Tiradentes. Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba. Licenciada e bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professora da Universidade Tiradentes e da rede estadual de Ensino. Membro do Grupo de Pesquisa Jesuítas na América, Culturas, Identidades e Religiosidades e Arte, Cultura e Sociedade no Mundo Ibérico (séculos XVI a XIX).

riquezas no além-mar representou para os navegantes pioneiros um desafio contra o universo imaginativo povoado por perigos, superstições e monstros. Os navegadores tiveram que enfrentar o medo, o desconhecido, a morte e os inimigos.

As motivações para impulsionar as navegações eram inúmeras. Todavia, mais relevante do que discutir a intencionalidade das navegações lusas, é compreender as rápidas transformações do campo imaginativo. As conquistas do ultramar causaram impactos profundos na cultura ibérica, que sobreviveram por vários séculos após a "era das conquistas". É pertinente dizermos que as certezas do mundo cristão ibérico foram abaladas como nunca fora antes.

Contudo, antes do expansionismo lusitano pelos quatro cantos do mundo, os portugueses tiveram que conquistar seu próprio território. Tiveram que travar intensas disputas para retomar o domínio sobre o Condado Portucalense e o Algarves. Era preciso unir a cristandade ibérica para expulsar o inimigo comum: o muçulmano. Sob a ótica cristã medieval, o muçulmano passou a ser visto como o inimigo, explorador e, acima de tudo, infiel. Tratava-se dos islâmicos oriundos do Norte da África que a longos séculos impuseram o seu domínio sobre a península Ibérica.

A luta não foi apenas entre portugueses e o invasor, mas sim, entre a cristandade lusa e o infiel mouro. A fé cristã foi o elo que conseguiu unir diferentes povos sob um mesmo ícone: a cruz. A cruz consolidou-se enquanto símbolo de conquista (um exemplo elucidativo disso é a cruz de malta das caravelas ou da cruz fincada em solo da América lusitana para demarcação da conquista).

Ao mesmo tempo, a Guerra de Reconquista tornou-se um dos estigmas da sociedade portuguesa. Talvez seja esse o mito de origem do povo português: a vitória da fé católica sobre o dominador, mouro, infiel e bárbaro. Se trata de um olhar etnocêntrico, no qual a cristandade européia emerge como única e verdadeira fé plausível.

A cultura ibérica preservou os dois pontos fundamentais da Guerra de Reconquista: a doutrina cristã e o elemento mouro. Assim, esse estudo tem como

propósito promover uma discussão acerca da presença de tais elementos da cultura ibérica medieval no folclore sergipano.

Ao efetivar o processo colonizador, os portugueses não trouxeram somente a exploração e doenças. Trouxeram consigo também suas crenças, seus costumes e suas tradições. Das caravelas que aportaram na Terra Brasilis desembarcaram inúmeras manifestações culturais, que encontraram um campo fértil ao entrar em contato com as tradições indígenas e africanas.

A cultura é dinâmica e muitas dessas manifestações entraram em declínio ou desapareceram em Portugal, mas surpreendentemente sobreviveram no Nordeste brasileiro. O folclore brasileiro também é uma interface da cultura ibérica medieval sem deixar de representar a própria essência local.

A simbologia originária de tais manifestações muitas vezes já foi esquecida. Podemos dizer que ocorreram ressignificações. São as reletiruas da tradição, adaptando às necessidades locais. Desse modo a tradição é transformada e perpetuada, ou seja, cotidianamente a tradição é inventada e reinventada no intuito de atender aos novos anseios da população.

No folclore sergipano podemos encontrar vários traços que denunciam a herança ibérica. A começar pela indumentária, que em muitos grupos folclóricos predomina a presença dos dois cordões rivais: o azul ou o verde contra o insubstituível encarnado. Em um primeiro momento poderíamos associar tais cores à bandeira de Portugal.³ No entanto, em uma leitura mais aprofundada da trama folclórica, percebemos que os cordões não estão em harmonia, mas em constante competição. A rivalidade reina entre eles. A idéia de conflito predomina em manifestações como o reisado. É assim que emerge a figura relevante e conciliadora de personagens como a Dona Deusa, que busca o consenso ao usar as duas cores. No enredo, a Dona Deusa ou Dona do Baile se torna o elemento dialógico, de negociação entre as interfaces.

³ Inúmeros folcloristas brasileiros associam as cores da indumentária dos grupos folclóricos à bandeira lusitana. Sobre esse aspecto confirmam: BARRETO, Luiz Antônio. *Um novo entendimento sobre folclore*. ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. *Danças e Folguedos do Folclore Sergipano*. Sergipe: Secretaria de Estado da Educação, 1998.

Podemos afirmar que as cores da indumentária representam cristãos e mouros. Os cristãos de verde ou azul e os mouros de vermelho, ou, como costuma ser chamado entre os populares, de encarnado.

O número de componentes também pode ser visto como um indício revelador de outras facetas do nosso folclore. Um exemplo disso é a cavalhada de Poço Redondo, que em alguns anos o confronto entre cristãos e mouros sobre cavalos. Mais uma vez encontramos dois cordões, com doze cavaleiros em cada. O número doze é enfático. É um mecanismo de associar a cavalaria cristã ibérica aos doze apóstolos de Cristo. Os cavaleiros medievais seriam os apóstolos, difusores da fé na luta contra o mouro, os povos do norte da África islamizada que dominavam a Península Ibérica.

Mas devemos lembrar também do tempo da festa.⁴

As manifestações folclóricas sergipanas possuem seu tempo apropriado para as apresentações. Geralmente estão concentradas no ciclo do Natal, que vai de dezembro até o dia de Santos Reis (seis de janeiro).

Fica evidente que as manifestações buscam reviver um tempo mítico. São danças e folguedos em homenagem ao nascimento do Messias, ou seja, revivem um tempo mítico longínquo.

Todavia, a questão do tempo no folclore é bastante complexa. Várias temporalidades distintas estão interpenetradas nas manifestações. Para detectá-las é preciso ter um olhar aguçado e atento. Vejamos o caso da chegada, importante manifestação cultural de Sergipe e que ainda pode ser encontrada em municípios como Laranjeiras, São Cristóvão, Divina Pastora e Itabaiana.

Para Beatriz Góis Dantas, “as cheganças revivem em território brasileiro antigas tradições ibéricas celebradas em romances de inspiração marítima, tais como a Nau Catarineta, e nas Mouriscas, danças que figuravam combates entre cristãos e

⁴ Sobre o tempo festivo e calendário das expressões culturais de Sergipe pode ser consultado o texto publicado pela professora Beatriz Góis Dantas. DANTAS, Beatriz Góis.

mouros”.⁵ Na ótica da autora, as cheganças seriam expressões de uma memória europeia em terras brasileiras, acoplando no enredo diferentes memórias de temporalidades distintas.

Na chegança podemos focalizar quatro temporalidades distintas. São quatro períodos distantes cronologicamente que travam diálogo..

A primeira temporalidade, mais evidente durante as apresentações é o tempo das grandes navegações.⁶ A chegança é um auto dramático que representa uma embarcação com inúmeros personagens, associados a tradição náutica. O interessante é que o grupo retrata os perigos que permeavam as navegações, ao simular o naufrágio eminente.

A chegança também representa a intervenção do sagrado. Para os membros do grupo, o auto foi criado como forma de agradecer a intervenção milagrosa da Virgem do Rosário, quando uma embarcação estava prestes a naufragar. É por esse motivo que o grupo é inserido no ciclo natalino, quando se festeja a padroeira dos negros no dia de Reis. Assim, a chegança é deslocada para o tempo mítico do nascimento de Jesus, para render homenagens ao Menino-Deus e a protetora Virgem do Rosário. A idéia do milagre é assim retratada:

Milagre, da Virgem Maria

Todos nos escapamos com vida

Era chuva, era mar, era vento

As ondas do mar, escapamos com vida.⁷

Outro período representado na trama da chegança é o da luta de Reconquista. Um dos atos finais do auto simula o confronto entre a cristandade e os mouros. Os mouros representados por uma corte acompanham o grupo, mas possuem um papel de

⁵ DANTAS, Beatriz Góis. *Chegança: Cadernos do Folclore*. Vol. 14. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1976, p. 3.

⁶ Não existe consenso entre os folcloristas quanto a classificação da chegança. Intelectuais como Sílvio Romero, Eneyda Alvarenga e Mário de Andrade defendem a hipótese de que existem duas cheganças: de Mouros e de Marujos. Gomes defende a hipótese de que as duas expressões são derivações de uma mesma

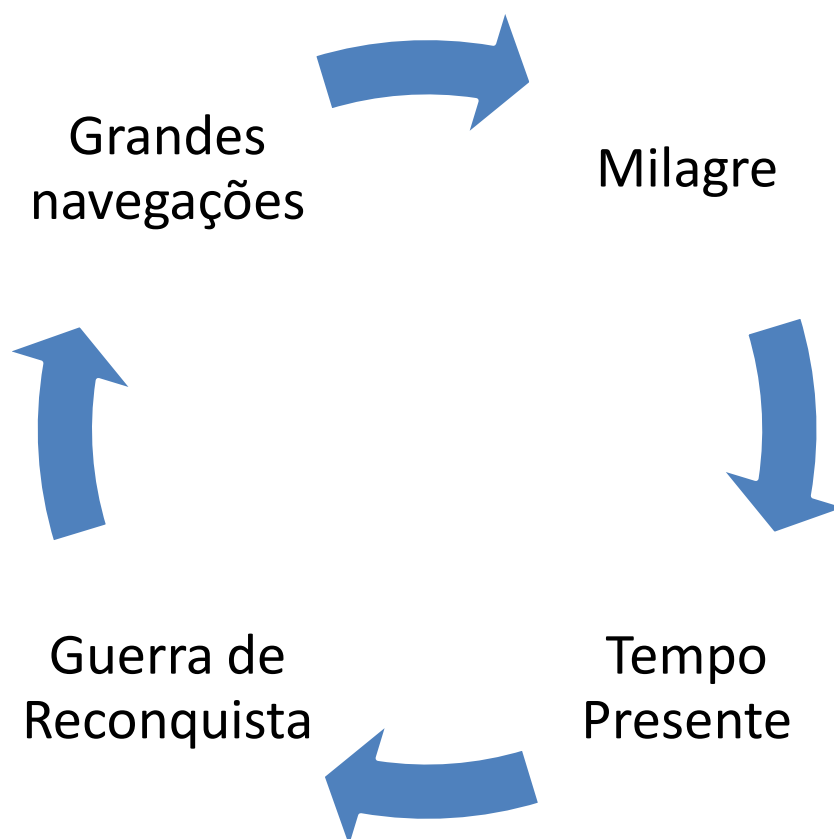
⁷ Canto da Chegança Santa Cruz de Itabaiana.

figurantes até a cena final. Em algumas ocasiões, como na entrada das igrejas, os mouros são excluídos totalmente, ficando fora do templo cristão. Para alguns estudiosos do folclore como Alceu Maynard Araújo, a presença dos mouros nas cheganças é fato recente, resultante talvez da junção de dois tipos distintos: a chegada de mouros com a chegada de marujos.⁸

Por fim, além dos tempos das grandes navegações, do nascimento de Cristo e da Guerra de Reconquista, a chegada também representa as angústias sociais de seu tempo. Novos elementos passam a fazer parte de sua indumentária e os elementos da realidade social em que vivem transparecem em suas apresentações. Pode-se afirmar que a experiência das classes populares é o fator primordial de permanência da prática cultural, criando-se novos significados e reinventando a tradição. A cultura histórica da chegada promove o encontro, a confluência entre as diferentes temporalidades. Nesse sentido, a chegada evidencia uma circularidade temporal, sobrepostas, dialógicas.

Temporalidades da Chegança

⁸ ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional: festas, bailados, mitos e lendas*. São Paulo: melhoramentos, 1964.



A chegada é teatral, performática, com personagens e ritmos diferenciados. São inúmeros marinheiros comandados pelo capitão, desfilando pelas ruas da cidade com ritmos ensaiados. Cada ambiente exige o seu ritmo apropriado. Assim, ao adentrar no espaço sagrado (igreja), os brincantes da chegada reduzem o batuque, tornam a melodia mais cadenciada e encenam representado o movimento das ondas do mar. Ondas lentas que levam aos pés da Virgem do Rosário e saudando.

Entremos nesta nobre casa
Com essas vozes descansadas
Louvores viemos dar,
Ao senhor dono da casa.⁹

Na chegada encontramos uma forte hierarquia entre os tripulantes, dos quais encontramos capitão-piloto, médico, porta-bandeiras, comandantes, generais, tenentes e

⁹ Canto de entrada na Igreja do Rosário da Chegança de Laranjeiras.

padre capelão. Ao contrário do cotidiano vivenciado pelos brincados em seu cotidiano, é possível haver ascensão social dentro desta hierarquia, na qual a divisa de general-almirante é uma das mais almejadas.

Na chegada os elementos teatrais são bem visíveis. Toda a trama é cercada pelo drama de confrontos internos, lutas com mouros e ameaças de naufrágio. Nos impasses contra os mouros não encontramos somente a luta de espadas. É possível detectar também a presença de embates diplomáticos, com embaixadores tentando promover a paz com propostas de casamento. O casamento aparece como mais um mecanismo diplomático, uma estratégia de negociação.

Outra faceta do auto é a conversão. Para os cristãos, a vitória contra os mouros não deve ocorrer somente por meio da espada, mas primordialmente por meio da cruz. Não podemos esquecer os aspectos cotidianos de uma embarcação representados na marujada. A bebedeira, as brigas e as paixões são presenças marcantes na encenação e muitas vezes se tornam reais.

Assim, podemos ver a chegada, manifestação folclórica muitas vezes desprezada e até mesmo perseguida, como um grande teatro, palco no qual são apresentados os entraves da origem portuguesa. É um verdadeiro documento, que retrata períodos longínquos, como também as dores sociais de nossos dias. Enfim, é um patrimônio cultural, pronto para ser descoberto e discutido pela intelectualidade e vivenciado.

Como todo documento, a chegada traz em si as marcas do tempo, dos diferentes contextos sociais que impregnaram a sua trajetória. Como todo documento, a chegada pode ser um recurso no ensino de História. A cultura histórica da expressão cultural é notória e evidencia um ponto ainda a ser refletido, que consiste no fato de se problematizar os diferentes modos que as camadas populares constroem de contar as suas histórias.

Podemos buscar ver algo além do visível. Devemos lançar um novo olhar sobre a chegada, grupo de marujos e mouros que caminham no ritmo das sondas do mar. A

nau está pronta. Resta a nós, marinheiros, embarcarmos e nos aventuramos no mar da cultura sergipana.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes. Danças e Folguedos do Folclore Sergipano. **Sergipe: Secretaria de Estado da Educação**, 1998.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional: festas, bailados, mitos e lendas**. São Paulo: melhoramentos, 1964.
- DANTAS, Beatriz Góis. **Chegança: Cadernos do Folclore**. vol. 14. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1976.
- BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- FEBRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa. Presença, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.